

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Conimbriga (1911-1962): um contributo para a memória dos trabalhos de exploração e escavação arqueológicos

LILIANA ISABEL ESTEVES GOMES

Assistente convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

liliana.gomes@fl.uc.pt

Artigo entregue em: 23 de janeiro de 2012

Artigo aprovado em: 19 de abril de 2012

RESUMO:

As ruínas de cidade romana de Conimbriga abriram ao público em 1930. Este ano também marcou uma intervenção dos serviços oficiais e o início das escavações arqueológicas sistemáticas que levaram à progressiva valorização das ruínas. O principal objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da pesquisa arquivística efetuada no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). A investigação realizada permitiu reconstruir a ligação histórica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) à cidade romana de Conimbriga.

PALAVRAS-CHAVE: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, Conimbriga

ABSTRACT:

Conimbriga's roman city ruins opened to the public in 1930. This year also marked an intervention of the official services and the beginning the systematic archaeological excavations which drove to the progressive valorisation of the ruins.

The main purpose of this paper is to unveil the results of the work in archival research carried out in the Archive of the University of Coimbra (AUC). The research done has permitted to reconstruct the historical connection of the Faculty of Humanities of the University of Coimbra (FLUC) to the roman city of Conimbriga.

KEYWORDS: Faculty of Humanities of the University of Coimbra ; Archive of the University of Coimbra; Conimbriga

Introdução

O presente trabalho de investigação e pesquisa arquivística¹ resulta do interesse em conhecer, de modo mais aprofundado, a ligação relevante e documentada, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) às ruínas da cidade romana de Conimbriga.

Iniciados na segunda metade do século XIX, os trabalhos de escavação arqueológica efetivados nas referidas ruínas foram dirigidos por distintas instituições, em particular, a partir de 1930, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). Consequentemente, é nos arquivos destas instituições que encontramos informação/documentação sobre os trabalhos de escavação, consolidação e restauro do sítio arqueológico. A documentação relativa às intervenções realizadas permite identificar e avaliar os trabalhos levados a cabo, as técnicas empregues, conhecer o modo como o pensamento dominante determinou o tipo e a profundidade das intervenções concretizadas no património arqueológico.

Tendo o trabalho de pesquisa arquivística inicial sido realizado nos arquivos da DGEMN, a ligação histórica da FLUC à cidade romana de Conimbriga fundamenta o presente trabalho de investigação no acervo documental desta instituição, atualmente custodiado pelo Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), depositário da riquíssima documentação produzida e recebida pela Universidade de Coimbra criada, por D. Dinis, em 1 de Março de 1290. Nesta instituição arquivística especializada procurámos pesquisar, localizar e inventariar toda a informação relativa à temática em estudo. Em particular, a investigação incidiu na informação relativa à conexão da instituição universitária com os trabalhos de prospeção e escavação realizados na estação arqueológica, no período compreendido entre os anos de 1911 (data de criação da Faculdade de Letras) e 1962 (ano de inauguração do Museu Monográfico de Conimbriga).

Pressupostos teóricos e pesquisa arquivística

Definida como Ciência da Informação Social, a Arquivística “estuda os arquivos (sistemas de informação (semi)fechados), quer na sua estrutura interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com os outros sistemas correlativos

¹ O nosso agradecimento ao Director do Museu Monográfico de Conimbriga, Doutor Virgílio Hipólito Correia, pelo interesse e apoio prestado na realização do trabalho inicial de pesquisa arquivística.

que coexistem no contexto envolvente.”² Partindo desta assunção, o trabalho de pesquisa arquivística inicial, realizado nos arquivos da DGEMN³ em Sacavém e em Coimbra (Direção Regional dos Edifícios e Monumentos do Centro - DREMC), permitiu-nos localizar informação relativa às escavações que se efetivaram nas ruínas romanas de Conimbriga e construção do Museu Monográfico. De facto, é possível nos arquivos da DGEMN⁴ reconstituir a memória e documentar os trabalhos realizados. Em particular, é relevante a análise da correspondência, de relatórios técnicos elaborados, de desenhos, de plantas, de fotografias, de projetos de intervenção, de programas de concursos para a realização de obras, entre outra documentação produzida e conservada, em resultado da evolução em termos orgânico-funcionais do referido organismo, desde a data da sua criação, no ano de 1929. A DGEMN teve, entre outras, competências na realização de projetos de arquitetura e construção de edifícios do Estado, na realização de obras de reparação, restauro e conservação de monumentos nacionais, bem como na sua execução e fiscalização. No Inventário do Património Arquitetónico, a ficha relativa a Conimbriga apresenta a seguinte descrição:

“Conjunto muralhado, envolvendo núcleo urbano, constituído por forum, organizado com templo sobre criptopórtico, basílica, cúria e lojas comerciais, termas, aqueduto, insulae, prédios urbanos com mais de um piso, desenvolvidos em torno de um pátio interior, domus com peristilum, como é exemplo a Casa dos Repuxos e a Casa de Cantaber e uma basílica paleocristã. Cintura muralhada com cerca de 1 500 m de extensão. A entrada seria feita por uma estrutura abobadada com 2 portas; uma levadiça, outra sobre gonzos. Esta abertura era fortificada por 2 torreões. A muralha é percorrida por 2 passagens para evacuação de água, canalizada por uma escavação de modo a evitar infiltrações na base da muralha.”⁵

² SILVA, 2002: 214.

³ Pelo Decreto-Lei nº 223/2007, de 30 de Maio, a DGEMN foi integrada no Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), no que diz respeito à intervenção sobre o património habitacional não classificado e ao desenvolvimento e gestão do Sistema de Informação para o Património (SIPA).

⁴ No Forte de Sacavém, em Lisboa, encontra-se o arquivo da DGEMN, onde é viável a consulta da documentação relativa a Conimbriga, com o número IPA (Inventário do Património Arquitetónico) – PT 020604050001. São, no total, 182 unidades documentais que integram 690 desenhos, 82 fotografias e 7 objetos. Na DREMC foi também possível consultar a documentação (12 pastas, 933 fotografias) relativa às Ruínas de Conimbriga e Museu Monográfico (1936-1963).

⁵ DGEMN - Inventário do Património Arquitetónico. *Ruínas de Conimbriga*. IPA - PT 020604050001.

Sendo os trabalhos realizados em Conimbriga pela DGEMN relativamente bem conhecidos, após o trabalho inicial de pesquisa e sistematização de informação recolhida nos arquivos desta instituição, importava agora localizar e inventariar a documentação que nos permitisse alicerçar e confirmar, em particular, a estreita relação entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a exploração das ruínas romanas.

Partindo de conhecimentos prévios adquiridos sobre as escavações realizadas, através da leitura de bibliografia e trabalho de investigação nos arquivos da DGEMN referenciado anteriormente, procurámos no Arquivo da Universidade de Coimbra⁶ consultar os instrumentos de acesso à informação existentes (inventários, catálogos) e identificar toda a informação pertinente, relacionada com o objetivo do presente trabalho. Localizadas as unidades de instalação, na sua maioria caixas de arquivo com documentação, foi necessário proceder a uma análise exaustiva, em particular nas séries de correspondência recebida e expedida, na tentativa de localizar informação relativa ao tema em estudo. De registar, o facto de a correspondência expedida pelo Conselho Diretivo da Faculdade ter um papel de suporte muito frágil (trata-se maioritariamente de cópias datilografadas em papel químico de carbono) e a circunstância de a documentação localizada não se encontrar digitalizada, tendo sido necessário consultar de forma manual e pormenorizada todos os documentos, o que dificultou uma pesquisa mais célere. No decurso da investigação, procurámos também sistematizar conhecimentos sobre os primeiros trabalhos de escavação e exploração das ruínas romanas, sob a orientação da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, como suporte a uma maior inteligibilidade e contextualização dos trabalhos concretizados a partir de 1930.

As escavações em Conimbriga

As ruínas de Conimbriga são conhecidas desde o início do século XVI. Gaspar Barreiros⁷ refere ter observado nas ruínas de Condeixa-a-Velha os seguintes elementos: muros, aquedutos, sepulturas e pedras com inscrições romanas. Um remanescente monumental citadino que exigia um trabalho metódico de exploração, conservação e ressurgimento.

⁶ O nosso agradecimento ao Director-Adjunto do AUC, Dr. Júlio Ramos, pelo apoio prestado na realização do presente trabalho.

⁷ BARREIROS, 1968: 49.

As primeiras escavações realizadas em Conimbriga datam da segunda metade do século XIX, devendo-se ao Instituto de Coimbra, criado em 1852, a iniciativa dos trabalhos. O Instituto de Coimbra⁸ foi uma academia científica, literária e artística fundada em Coimbra, em estreita relação com a universidade, num contexto em que se procuravam concretizar no país as políticas liberais. Os Estatutos de 1967 definiam a sua ação em relação com a promoção e o *desenvolvimento das ciências, das letras e das artes* e, em geral, com a *valorização da cultura portuguesa*.

A Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra foi criada no dia 5 de março de 1873, após aprovação por unanimidade da proposta apresentada pelo Dr. Augusto Filipe Simões, tendo em conta o “desejo de aproveitar o muito que ha a estudar nos restos da antiguidade”, colocando-se numa das salas do Instituto os “monumentos archeologicos e epigraphicos, que esta associação podesse adquirir, e que fossem dignos da atenção dos que prezam as investigações archeologicas”⁹. Pela ata da sessão de dia 5 de junho de 1873 da comissão de Arqueologia do referido Instituto, podemos aferir que as ruínas de Condeixa-a-Velha foram o tema dominante, tendo sido feita a descrição que se segue, de modo a confirmar que se tratava de uma povoação romana importante: “se vê alli um recinto amuralhado, cuja muralha, de notável largura, não offerece duvida alguma ser de construção romana.”¹⁰ Os achados de moedas romanas de cobre e de inscrições lapidares também são mencionados, bem como o envio para o Museu de Arqueologia do Instituto de “grande porção de moedas achadas em Condeixa-a-Velha, para poderem ser examinadas e estudadas pelos consocios que se quizerem dar a esse trabalho.”¹¹ O *Relatório dos Trabalhos da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra* confirma que os seus sócios são encarregues de fazerem “explorações archeologicas, com o fim de adquirirem objetos para o seu incipiente museu”¹². Na ata da sessão de dia 6 de novembro de 1873 da comissão de Arqueologia, as ruínas romanas de Condeixa-a-Velha voltaram a ser o tema central, sendo mencionados, de modo mais pormenorizado, os seguintes vestígios:

⁸ O Instituto deixou de ter atividade significativa após 1982. O seu património bibliográfico e documental foi incorporado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, consistindo em cerca de 15 000 monografias, uma coleção de cerca de 15 000 volumes de revistas científicas e culturais e um acervo de manuscritos. O seu jornal científico e literário anual denominava-se: *O Instituto: revista científica e literária*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1852-1981.

⁹ *O Instituto*, 1874, vol. XX: 87.

¹⁰ *O Instituto*, 1873, vol. XVII: 82.

¹¹ *O Instituto*, 1873: 83.

¹² *O Instituto*, 1874: 89.

“da grande muralha que alli subsiste ainda de pé, das inscrições sepulchraes, dos vasos etruscos, da variedade das moedas romanas, das sepulturas, mosaicos, tijolos, da casa com pinturas a fresco, dos vestígios de uma therma e do aqueducto que trazia a agua de uma fonte de Alcabideque na distancia de uma legua, e, finalmente, do toro de uma base de columna, com um metro de diâmetro”¹³ (...).

Na sessão de 5 de fevereiro de 1874 foi apresentada pelo consócio da secção, o Sr. Mendonça Cortez, uma proposta de criação de um fundo especial reservado à exploração das ruínas de Condeixa-a-Velha, “onde existem vestígios de edificações romanas, que se acham por estudar”¹⁴. Esta proposta foi ratificada, sendo subsequentemente elaborado um regulamento para a direção dos trabalhos de exploração. Seguiram-se as primeiras escavações que permitiram chamar a atenção para Conimbriga e proporcionaram a descoberta, recolha e transferência de moedas e outros materiais para o Museu de Arqueologia do Instituto de Coimbra.

Em 1899, os trabalhos da Secção de Arqueologia realizaram-se com um subsídio concedido pela Rainha Dona Amélia. Importa também recordar o papel de D. Frei Luís de Santa Bárbara, autor da primeira exposição sistemática sobre o assunto, e de D. Manuel Correia de Bastos Pina, que obteve para a exploração de mestre António Augusto Gonçalves o patrocínio da Rainha Dona Amélia. Nas *Cartas de sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amélia a D. Manuel de Bastos Pina, bispo conde de Coimbra*¹⁵, é perceptível o interesse da Rainha pela Arte e Arqueologia nacionais. Em carta datada de 29 de janeiro de 1899 escreveu: “Recebi o officio do Instituto Archeologico e estimei immenso que contassem comigo para uma obra que interessa a nossa Historia e a historia da arte.” A 24 de abril do mesmo ano, ocupa-se em saber se vão bem “as escavações da antiga cidade de Coimbra.” Em missiva, datada de 12 de maio seguinte, diz esperar que o Bispo-Conde se desloque a Lisboa para lhe entregar as quantias que lhe devia para os trabalhos de escavação¹⁶.

A criação da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra permitiu o aprofundamento da investigação sobre o sítio arqueológico, a realização

¹³ *O Instituto*, 1874: 270.

¹⁴ *O Instituto*, 1874: 93.

¹⁵ ORLEÃES, 1948. A primeira carta foi datada do Paço de Vila Viçosa, em 14 de Dezembro de 1892; a última foi escrita em Abercorn, Richmond, já no exílio, a 19 de Novembro de 1913, no dia em que faleceu o prelado conimbricense.

¹⁶ ORLEÃES, 1948: cartas XIII a XV.

de sessões de estudo, a coleta de conclusões dispersas, o surgimento de publicações e a realização da primeira escavação regular em 1899. A partir desse ano efetivaram-se as primeiras sondagens de vulto, elaboraram-se plantas e procedeu-se aos primeiros levantamentos de mosaicos. Os trabalhos de pesquisa e sondagens confirmaram a importância das ruínas e chamaram a atenção para Conimbriga. Quando em 1930, o Dr. António de Vasconcelos agradeceu a sua nomeação pelo Conselho da Faculdade de Letras para Presidente da Comissão da Estação Arqueológica de Condeixa, mencionou o prazer que teria em trabalhar em Condeixa¹⁷, onde já há anos fizera investigações com um subsídio de 200.000 réis, concedido pela Rainha Dona Amélia, investigações que enriqueceram a Secção de Arqueologia do Museu do Instituto de Coimbra¹⁸.

A imprensa periódica local também registou e publicou apontamentos sobre Conimbriga. Em particular, registam-se: notícias sobre a atividade da secção arqueológica do Instituto de Coimbra, com a referência aos objetos que iam continuando a aparecer nas escavações (moedas, mosaicos, restos de antigas construções, grandes depósitos de água) e trabalhos de levantamento da planta das construções encontradas; artigos de opinião sobre a “arrazada cidade romana de Condeixa-a-Velha”; notícias sobre as pesquisas efetuadas pela secção arqueológica do Instituto e referências ao vandalismo resultante da “ignorância do povo que insistia em destruir os trabalhos de exploração, com o pretexto de encontrar tesouros imaginários”; notícias sobre visitas de membros da secção arqueológica às Ruínas e início dos trabalhos de exploração “feitos a expensas de S. Majestade a rainha Senhora D. Amélia”¹⁹. O periódico *Resistência* relata, em 1907, descobertas arqueológicas em Condeixa-a-Velha, em resultado de trabalhos agrícolas. Assinala-se a descoberta de “restos de um edifício interessante e que muito conviria pôr a descoberto”, visto ser “ao que parece, as ruínas de um balnearium romano, cuja piscina rodeada de columnas, é cercada por uma facha de mosaicos, inclinada” e a descoberta de um achado, que parecia à época ser mais uma prova da grandeza da cidade luso-romana: “foram encontradas as subtruções dum edifício que tudo leva a crer fosse um estabelecimento

¹⁷ Tendo que deixar a Faculdade no dia 1 de junho de 1930 (por imperativo da lei, era obrigado a aposentar-se) declinou a nomeação.

¹⁸ AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1926-1936, fl. 75v.-77. AUC IV-1.ª D-3-1-76.

¹⁹ *Correspondência de Coimbra*, 1899 (3, 7, 21 de março e 13 de junho).

balneário”²⁰, registando-se igualmente a falta de interesse e meios para a sua investigação.

Conimbriga corresponde atualmente a uma área consagrada como Monumento Nacional, definida por Decreto de 16 de junho de 1910. Em 1911, o Instituto de Coimbra cedeu as suas coleções ao Museu Machado de Castro, dando-se início ao seu estudo por Augusto Filipe Simões e o mestre António Augusto Gonçalves²¹. À medida que se iam realizando diversos achados, na sua maioria como resultado de trabalhos agrícolas ou de exploração de pedra, o interesse pelas ruínas romanas ia aumentando.

Entre 1899 e 1930, as valas abertas em diversos pontos da estação arqueológica voltaram a ser fechadas, sendo a única pesquisa intencional a realizada em 1912, pelo Dr. Vergílio Correia, que em 21 de agosto de 1921 tomara posse do lugar de professor de Estética e História da Arte²² na Faculdade de Letras. O professor Vergílio Correia assinala, em 1909²³, achados vários no *Oppidum* de Conimbriga, desde vestígios de edifícios a objetos (ladrilhos de pedra, pedaços de estuque pintados a fresco, mosaicos, restos de cerâmica, uma fíbula). Em abril de 1912 realizou, por incumbência do Museu Etnológico, uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha, da qual resultaram notas estratigráficas, topográficas e a descrição dos objetos metálicos (cobre e bronze, ferro e ouro) e não metálicos (cerâmica, osso, pedra, restos de cozinha) encontrados²⁴.

Progressivamente, o interesse por Conimbriga foi crescendo e pertenceu à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra o mérito de ter dado o primordial e perentório passo, no sentido de se iniciar a exploração sistemática das ruínas, onde se iriam executar trabalhos práticos úteis ao ensino.

A 30 de julho de 1929²⁵, em resposta ao Presidente da Junta de Educação Nacional sobre os subsídios urgentes necessários para o bom andamento da FLUC, o diretor menciona a quantia de 20.000\$00 para o início das escavações

²⁰ Resistência, 1907 (21 e 28 de Fevereiro).

²¹ Inventário do Património Arquitetónico – PT 020604050001.

²² AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1911-1925, fl. 166v.-167v., fl. 164-165. AUC IV-1.ª D-3-1-75. A proposta de nomeação, com dispensa de provas públicas, do bacharel Vergílio Correia Pinto da Fonseca, conservador do Museu da Arte Antiga, para o lugar vago de professor da cadeira anexa de Estética e História da Arte teve por base os trabalhos de investigação realizados, destacando-se entre as suas publicações: *Lisboa pré-histórica*, 1911-13; *A Igreja de Lourosa*, 1911; *Azulejos datados*, 1915; *Conimbriga*, 1916.

²³ *O archeologo Portugues*, 1909: 259-261.

²⁴ *O archeologo Portugues*, 1916: 252-264.

²⁵ AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1926-1936, fl. 68v.-69. AUC IV-1.ª D-3-1-76.

em Condeixa-a-Velha, a cargo da Secção de História da Faculdade. O decisivo passo, no sentido de se iniciar a exploração metódica das ruínas, foi dado pela FLUC, em 1930, com um subsídio concedido pela Junta de Educação Nacional²⁶ para o início das escavações num terreno, adquirido para esse fim, dentro das muralhas da cidade romana. Resolve-se que, desse valor, se destinem 10 contos aos trabalhos de investigação em Condeixa, sendo o restante para publicações. É, então, eleita uma comissão para dirigir os trabalhos de investigação, da qual faziam parte: o Dr. António de Vasconcelos (presidente), o Dr. Amorim Girão, o Dr. Vergílio Correia, o Dr. Mário Brandão e o Dr. Virgílio Taborda (vogais). “Da comissão de professores, a quem foram confiadas as pesquisas, fazia parte o Doutor Vergílio Correia que, apaixonadamente, se entregou ao trabalho de ressurreição da Conimbriga”²⁷. As escavações que dirigiu, não descurando a Faculdade o enriquecimento do seu Museu escolar e o lado prático do ensino, não se limitaram à descoberta e recolha de peças de museu, pois permitiram a reconstituição da topografia urbana e a futura abertura das ruínas ao público, deixando a descoberto o que foi encontrado.

De acordo com o *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*, na sessão ordinária de 10 de julho de 1930, o Diretor da Faculdade, Dr. J. Mendes dos Remédios, passa a fazer parte da Comissão de investigação de Condeixa-a-Velha. Regista-se a aquisição, por compra, de um terreno em Condeixa-a-Velha, como resultado das negociações entabuladas pelo vogal da comissão, Dr. Vergílio Correia. A FLUC concede a todos os membros da comissão o encargo de adquirir por compra, para a Faculdade receber ou administrar, quaisquer bens que convenha²⁸.

O ano de 1930 assinalou a intervenção dos serviços oficiais, determinou o começo dos trabalhos sistemáticos que conduziram à progressiva valorização do sítio arqueológico e marcou a abertura ao público das Ruínas da Cidade romana. Dois meses depois de se iniciarem as escavações da FLUC, iniciaram-se também os trabalhos subsidiados pela DGEMN²⁹ com um subsídio de 40.000\$00, para a realização de obras de limpeza e fortalecimento de alguns

²⁶ AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1926-1936, fl. 74-75. AUC IV-1.^a D-3-1-76.

²⁷ *Boletim da DGEMN*, 1964: 12-13.

²⁸ AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1926-1936, fl. 77-79. AUC IV-1.^a D-3-1-76.

²⁹ *Boletim da DGEMN*, 1964: 13.

trechos das muralhas. Em dezembro de 1929³⁰, a Universidade de Coimbra havia já solicitado ao Diretor-Geral da DGEMN a realização de obras na estação arqueológica, de modo a que esta pudesse ser visitada e causasse boa impressão em setembro de 1930, mês de realização do XI Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica. Nos anos seguintes, as escavações e trabalhos de beneficiação autorizados e subsidiados pela DGEMN contribuíram para a valorização e exposição pública das ruínas da cidade romana, de acordo com a ideologia do regime vigente, o Estado Novo.

A fase correspondente aos anos de 1930 a 1944 foi essencialmente de descoberta, época em que os trabalhos foram orientados com grande dedicação e entusiasmo pelo Professor Vergílio Correia, em colaboração com os Monumentos Nacionais. No *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*, sessão ordinária do dia 8 de abril de 1932, assinala-se a atribuição de um subsídio de 3.000\$00 à Faculdade, pela Junta de Educação Nacional para escavações em Condeixa-a-Velha. Do subsídio concedido em duas prestações de 1495\$00, foram gastos da primeira prestação 800\$00 nas escavações, havendo um saldo de 695\$00 para o mesmo fim, ficando a segunda prestação por inteiro para a revista *Biblos*³¹. Na sequência da atribuição do referido subsídio, foram realizadas escavações em parte do terreno adquirido pela Faculdade e foram “descobertas as zonas da porta principal da cidade, da grande casa intramuros, da parte terminal do aqueduto, da série de *tabernae* nas suas vizinhanças, da segunda porta, da *domus* extramuros e das duas casas a S da via”³².

Vergílio Correia, professor na FLUC, explorou, entre 1930 e 1944, toda uma área adjacente à muralha oriental, tendo sido registados vários achados arqueológicos: na zona extramuros, três ricas casas pavimentadas com mosaicos e com termas e, na zona intramuros uma basílica paleocristã, outra rica casa, provavelmente a de Cantaber, outro edifício e termas³³. Em artigo publicado no *Diário de Coimbra*³⁴, o professor fez uma descrição de Conimbriga, “a mais importante cidade romana do centro de Portugal”, registando a sua localização e importância, a explicitação das explorações

³⁰ PT DGEMN: DSARH – 005 – 4922/4.

³¹ AUC - FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1926-1936, fl. 103-104. AUC IV-1.ª D-3-1-76.

³² *Boletim da DGEMN*, 1964: 14.

³³ ALARCÃO, 1974: 49.

³⁴ *Diário de Coimbra* de 25 de maio de 1936. As divindades romanas de Conimbriga, provas materiais da religiosidade dos habitantes da cidade luso-romana, são o tema do artigo publicado a 24 de maio de 1943.

e escavações realizadas, não esquecendo a necessidade de fundação de um Museu, anexo às ruínas, projeto também acarinhado pela DGEMN.

A ligação da FLUC à cidade romana de Conimbriga foi interrompida em 1944, de forma prematura, com a morte do Professor Vergílio Correia. Os seus estudos arqueológicos, publicados em folhetos ou revistas, constituem apenas uma parte do que escreveu sobre as nossas antiguidades pré e proto-históricas ou romanas³⁵.

Com a aquisição, por parte do Estado, dos primeiros terrenos, nos anos quarenta e cinquenta do século XX, foram realizadas obras de reconstituição e consolidação das ruínas. A ligação e os contatos entre a FLUC e Conimbriga surgem novamente evidenciados, a partir de 1952, tendo nos anos seguintes sido desenvolvidos, devido à “urgente necessidade de se renovarem e intensificarem os estudos de investigação arqueológica na Faculdade, dando-se especial atenção às explorações de Conimbriga”³⁶.

A intenção de instalar um Museu Didáctico de Arqueologia nas caves do novo edifício da Faculdade de Letras, sobretudo relacionado com as explorações da estação luso-romana de Conimbriga é então manifestada, concretizando-se a partir de 1953, ano em que se procedeu à classificação dos materiais provenientes de Conimbriga³⁷, recolhidos em escavações ainda realizadas pelo Professor Vergílio Correia. Em prosseguimento e conclusão do assunto discutido anteriormente, em sessão do dia 21 de outubro de 1952, resolveu-se por unanimidade propor superiormente que o Licenciado João Manuel Bairrão da Silva Oleiro fosse contratado como Técnico de Arqueologia, “ficando encarregado de dirigir as explorações de Conimbriga e de organizar na Faculdade um Museu de Arqueologia Romana”³⁸.

A partir de 1952 e nos anos seguintes, de acordo com a documentação consultada, o Professor João M. Bairrão da Silva Oleiro deu seguimento à sua colaboração nos estudos que permitiriam a continuidade das escavações e restauro das ruínas romanas de Conimbriga, não esquecendo o estudo da notável coleção de mosaicos descobertos naquela estação arqueológica. Desempenhou as funções de técnico de arqueologia, de regente das aulas práticas de Arqueologia e, foi responsável pela participação da Faculdade

³⁵ Trabalhos reunidos na publicação *Obras* (1946-1978).

³⁶ FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1936-1961, fl. 125. O terceiro volume desta série ainda se encontrava na FLUC, tendo o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, Doutor Carlos Manuel Bernardo Ascenso André autorizado a sua consulta, no âmbito do presente trabalho.

³⁷ AUC - *Relatório da Faculdade de Letras referente ao ano escolar de 1952-53*: 5. AUC IV-2.ª E-11-5-2.

³⁸ AUC - *Reitoria da Universidade de Coimbra - Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários*. AUC IV-2.ª E-11-5-2.

nas escavações das Ruínas, além de ter sido diretor de campos de trabalho arqueológicos e “delegado do Ministério da Educação Nacional junto da estação arqueológica de Conimbriga, cabendo-lhe dirigir o seu estudo e promover as providências à sua proteção”³⁹.

Em 1953, a Faculdade de Letras procurou obter autorização legal para retomar as escavações, no terreno que adquiriu anteriormente na parte central do campo de ruínas, em zona ainda por escavar, em estreita colaboração com a DGEMN, a quem competia a proteção e defesa da estação arqueológica. Tendo em conta a necessidade de dar um carácter prático às aulas de Arqueologia, os trabalhos práticos seriam executados de acordo com a metodologia seguinte:

“seriam realizados sob a forma de pequenos cortes estratigráficos, por um reduzido número de trabalhadores e pelos próprios alunos, sob a orientação do assistente encarregado das aulas práticas de Arqueologia, de forma a poderem aproveitar-se todos os elementos de estudo, elaborando minuciosos diários de escavações”⁴⁰.

Em sessão ordinária de 13 de outubro de 1953, o diretor da FLUC comunicou a decisão de se expropriarem novas áreas do *Oppidum* de Conimbriga, para alargamento das escavações, tendo sido solicitado o parecer da Faculdade sobre essa aquisição. Em resposta ao ofício do Reitor da Universidade n.º B/39, de 18 de Setembro, é dada a informação de que:

“para acautelar devidamente as explorações e velar pela conservação do *Oppidum* Luso-Romano de Conimbriga, convém que seja adquirido para o Estado todo o terreno abrangido pelo circuito fortificado. Se esta pretensão for irrealizável, é urgente legalizar a posse dos terrenos explorados dentro do *Oppidum*. Fora das muralhas, do lado oriental, é de prever a necessidade de ampliar também a área das explorações já realizadas, mas só futuras sondagens poderão elucidar com segurança a tal respeito”⁴¹.

O parecer da Faculdade, julgando conveniente a aquisição pelo Estado do terreno mencionado e não pretendendo adquirir para si o terreno de

³⁹ AUC - *Processo Individual de João Manuel Bairrão da Silva Oleiro*. AUC IV-1.ª D-7-5-189.

⁴⁰ AUC – FLUC - Ofício D 48. 1953-02-28. AUC VI-2.ª D-3-1-1.

⁴¹ AUC - *Conselho Directivo da FLUC - Correspondência expedida*. Ofício D 203. AUC VI-2.ª D-3-1-1.

Conimbriga, surge na sequência da correspondência trocada entre a Faculdade e a Direcção-Geral da Fazenda Pública. Num ofício enviado ao Reitor da Universidade, datado de 19 janeiro de 1954, o diretor da Faculdade envia cópia da dita troca de correspondência. Em particular, transcreve-se o ofício enviado em 16 setembro de 1953, pela Direcção-Geral da Fazenda Pública ao Reitor da Universidade de Coimbra:

“A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais informou que, para boa protecção das Ruínas de Conimbriga, convinha continuar a aquisição de terrenos destinados às escavações. (...) Chegou também ao conhecimento desta Direcção Geral que a FLUC reconhece a necessidade de se encarar a resolução deste problema com carácter definitivo, tendo em vista a defesa do *Oppidum* Luso Romano de Conimbriga. A Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, também se pronunciou, transcrevendo o parecer da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação, (...) com referência à nova descoberta de sepulturas e ossadas romanas (...). A resolução de questões desta natureza merece sempre por parte da Fazenda Pública uma atenção condigna, com vista à salvaguarda do Património Arqueológico do Estado”⁴².

De acordo com o *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*, na sessão ordinária de 23 de novembro de 1954⁴³ foi presente um ofício do assistente Licenciado João M. Bairrão Oleiro, encarregado da regência da cadeira de Arqueologia, em que fundamentava o pedido de criação de um Instituto de Arqueologia na FLUC, destinado a promover escavações de interesse científico e formativo para os alunos de Arqueologia. A criação do referido instituto, inaugurado oficialmente no dia 6 de março de 1958, fomentou em Conimbriga o acolhimento e formação de muitos alunos e investigadores. No âmbito da cadeira de Arqueologia ministrada na Faculdade realizavam-se, por norma, com periodicidade anual, visitas de estudo a Conimbriga e escavações em que os alunos participavam. A título ilustrativo, mencionam-se as visitas e excursões arqueológicas realizadas a Conimbriga e registadas na série “Livros de sumários da disciplina de Arqueologia”, desde 1936⁴⁴.

⁴² AUC - Conselho Directivo da FLUC - Correspondência expedida. Ofício E 8. AUC VI-2.ª D-3-1-2.

⁴³ FLUC - *Livro de Actas dos Conselhos da Faculdade*. 1936-1961, fl. 142.

⁴⁴ AUC - *Livros de sumários da disciplina de Arqueologia*. IV-2.ª D-4-2-1. 1936, cx. 16 (fl. 163),

A exploração arqueológica da cidade romana de Conimbriga perseverou, sendo aí também realizados campos de trabalho internacionais e visitas de estudo de alunos estrangeiros, no âmbito dos Cursos de Férias da Faculdade. Regista-se também, a resposta do diretor da Faculdade a uma carta de Liesel Hinselmann (Alemanha), acerca da realização em Conimbriga, de 1 a 20 de setembro de 1958, de um campo de trabalho de arqueologia, para estudantes portugueses e estrangeiros. “Contudo, a sua organização não cabe à Universidade de Coimbra, mas sim à Secção de Intercâmbio da Mocidade Portuguesa”⁴⁵.

No *Relatório respeitante à actividade da Faculdade de Letras*, no ano letivo de 1957-1958, regista-se, sob a direção do Professor João Bairrão Oleiro, a continuidade da exploração arqueológica da cidade romana de Conimbriga, onde se realizavam campos de trabalho internacionais. Para que a Faculdade de Letras de Coimbra não fique em situação de inferioridade face à de Lisboa, é igualmente mencionada a seguinte pretensão:

“a necessidade de o Museu Machado de Castro e da cidade romana de Conimbriga serem oficialmente considerados estabelecimentos anexos à Universidade. O professor de Arqueologia da Faculdade seria conservador do Museu e director das escavações em Conimbriga, onde poderia criar um viveiro de autênticos investigadores dessa bela ciência”⁴⁶.

O relatório seguinte, referente ao ano letivo de 1958-1959, nas páginas relativas ao Instituto de Arqueologia assinala a impressão do 1.º volume da revista Conimbriga, a colaboração “nas escavações de Conimbriga, a aquisição de material para a realização de escavações e um subsídio de 10.000\$00 concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian para trabalhos de escavação na região de Coimbra”⁴⁷.

Não esquecendo a memória do arqueólogo Vergílio Correia, antigo professor da instituição, a Faculdade de Letras apresentou, na sessão do dia 13 de fevereiro de 1959 do Senado Universitário⁴⁸, uma proposta de solici-

1938, cx. 17 (fl. 152), 1942, cx. 19 (fl. 173). Nos sumários apenas surge o registo das atividades realizadas, por exemplo, visita às ruínas de Conimbriga, excursão arqueológica a Conimbriga.

⁴⁵ AUC - Conselho Directivo da FLUC - Correspondência expedida. Ofício I 200.

⁴⁶ AUC - Reitoria da UC - Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários. AUC IV-2.ª E-11-5-3.

⁴⁷ AUC - Reitoria da UC - Correspondência recebida das Faculdades... Ofício J/189.

⁴⁸ AUC - Livro de Actas do Senado Universitário, 1959, fl. 135v.-136.

tação do alto patrocínio do Ministro da Educação Nacional para que o II Congresso Nacional de Arqueologia, a celebrar em 1961, tivesse lugar em Coimbra. A proposta da FLUC, “em memória e homenagem do sábio e insigne arqueólogo Vergílio Correia”, é perfilhada pelo Senado Universitário e enviada pela Reitoria para o Diretor-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. Registam-se os seguintes argumentos apresentados a favor da proposta:

“o interesse despertado pelo I Congresso de Arqueologia nos alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, sendo de proporcionar idêntica oportunidade aos de Coimbra; a urgência de valorizar os 3 monumentos romanos mais importantes, todos descobertos por Vergílio Correia e nunca visitados pela maioria dos arqueólogos nacionais e estrangeiros: a coleção de mosaicos da zona exterior às muralhas de Conimbriga, cujo restauro e consolidação só dentro de 2 ou 3 anos porá totalmente à vista; o criptopórtico de Aeminium e o acampamento militar de Antanhol”⁴⁹.

Tendo presente a data limite deste estudo, aferimos que, entre 1955 e 1962, uma nova e decisiva fase marcou o desenvolvimento dos trabalhos previstos e projetados em Conimbriga. Verifica-se a subordinação a um complexo plano de valorização integral da estação arqueológica, realizado com o aumento substancial de dotação orçamental e o particular interesse demonstrado pelo Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, tendo-se concretizado as seguintes obras:

“Todo o terreno situado intramuros e algum extramuros foi adquirido; a área já bem definida foi vedada; acelerou-se o ritmo de consolidação, em especial dos mosaicos; fizeram-se reescavações e sondagens em diversos pontos; descobriu-se um vasto edifício destinado a termas públicas e seus anexos; rasgaram-se novos acessos e melhoraram-se os já existentes; reconstituíram-se canalizações, jogos de água e jardins; ensaiaram-se novos processos de exposição *in loco*; e, finalmente, construiu-se o edifício do Museu Monográfico de Conimbriga”⁵⁰.

⁴⁹ AUC - Reitoria da UC - Correspondência recebida das Faculdades... Ofício A-21/41.

⁵⁰ Boletim da DGEMN, 1964: 15.

Inaugurado em 1962, o Museu Monográfico de Conimbriga, exclusivamente dedicado ao sítio arqueológico em que está inserido, tutela as Ruínas da Cidade romana. A sua coleção é diversificada, os objetos expostos foram encontrados durante as escavações e materializam a evolução histórica do lugar, entre finais do segundo milénio antes de Cristo e o séc. VI da era cristã, ilustrando a vitalidade desta cidade. As campanhas de escavações luso-francesas⁵¹ possibilitaram novas descobertas, análise de materiais, recolha de objetos e estudos científicos aprofundados que permitiram consolidar uma visão histórica mais precisa de Conimbriga.

Conclusão

Esperamos com este trabalho de investigação e pesquisa contribuir para um melhor conhecimento da informação produzida sobre as diversas fases dos trabalhos de pesquisa, escavação, consolidação e restauro das ruínas romanas de Conimbriga.

Na segunda metade do século XIX, a criação da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra levou a um renascimento do interesse pelas Ruínas da cidade romana, tendo como um dos momentos mais marcantes a realização da campanha de sondagens em 1899. No período cronológico em estudo, pertenceu à Faculdade de Letras o mérito de ter dado o decisivo passo, em 1930, no sentido de se encetar a exploração sistemática das ruínas de Conimbriga, com a aquisição de um terreno dentro das muralhas e início de trabalhos regulares de escavação, não descurando o lado prático do ensino nas cadeiras de Arqueologia, Epigrafia, Numismática e os trabalhos de orientação e investigação de docentes da instituição. Em particular, destaca-se o papel do Professor Vergílio Correia, que explorou, entre 1930 e 1944, toda uma área adjacente à muralha oriental, dirigindo com grande dedicação e entusiasmo os trabalhos de pesquisa e escavação. O ressurgimento das Ruínas romanas foi o principal dos seus trabalhos de arqueólogo, que se iniciou com um pequeno artigo sobre os achados de Conimbriga, em 1909, e a realização de uma importante sondagem, em 1912.

⁵¹ Para este período cronológico consultar os trabalhos de: OLEIRO, J. M. Bairrão; ÉTIENNE, Robert (1966) – *Resultados da primeira campanha de escavações luso-francesas em Conimbriga* e ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert (1974-1979) – *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard Deposit.

Na FLUC, os seus diretores e professores nunca esqueceram o lado prático das aulas de Arqueologia, a constituição e enriquecimento do museu arqueológico e didático, as visitas regulares à estação arqueológica de professores e alunos da instituição, nomeadamente nos Cursos de Verão, e a promoção do ensino e investigação. Um vasto e amplo projeto de consolidação e reconstrução de estruturas descobertas teve lugar nas décadas de 1940 e 50, durante o regime do Estado Novo, em conformidade com os requisitos ideológicos dominantes de promoção nacional, valorização do passado e salvaguarda do património arqueológico do Estado. Neste período assinala-se a colaboração da Faculdade com a DGEMN, a quem competia a proteção, defesa e valorização da estação arqueológica.

Fontes

Arquivo da Universidade de Coimbra - *Conselho Diretivo da FLUC, Correspondência expedida*. AUC VI-2.^a D-3-1-1. AUC VI-2.^a D-3-1-2.

Arquivo da Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *Livro de Atas dos Conselhos da Faculdade*. 1911-1925. AUC IV-1.^a D-3-1-75. 1926-1936. AUC IV-1.^a D-3-1-76.

Arquivo da Universidade de Coimbra - *Livro de Atas do Senado Universitário*, 1959.

Arquivo da Universidade de Coimbra - *Livros de Sumários da disciplina de Arqueologia*. IV-2.^a D-4-2-1.

Arquivo da Universidade de Coimbra - *Processo individual de João Manuel Bairrão da Silva Oleiro*. AUC IV-1.^a D-7-5-189.

Arquivo da Universidade de Coimbra - Reitoria da Universidade de Coimbra, *Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários*. AUC IV-2.^a E-11-5-2. AUC IV-2.^a E-11-5-3.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *Livro de Atas dos Conselhos da Faculdade*. 1936-1961.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert (1974) – *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard Deposit. Vol. III.

ARCHEOLOGO (O) *portugues: collecção ilustrada de materiais e notícias* (1909, 1916). Lisboa: Imprensa Nacional. Vols. 14, 21.

BARREIROS, Gaspar (1968) – *Chorographia*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos (1941) – *Condeixa-a-Nova*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

CORREIA, Vergílio (1936) – *Conimbriga: notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*. Coimbra: Tip. Gráfica de Coimbra.

- CORREIA, Vergílio (1972) – *Obras: estudos arqueológicos*. [Coimbra]: Por Ordem da Universidade. Vol. IV.
- Correspondencia de Coimbra* (1899). Coimbra: Imprensa Académica.
- Diário de Coimbra: jornal regionalista da manhã, defensor dos interesses das Beiras* (1936-1939). Coimbra: E.D.C.
- DIREÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS (julho – setembro 1948) – *Boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: oppidum romano de Conimbriga*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda. nºs 52-53.
- DIREÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS (junho 1964) – *Boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: ruínas de Conimbriga*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda. nº 116.
- INSTITUTO (O): jornal científico e literário* (1873-1875). Coimbra: Imprensa da Universidade. Vols. XVII - XX.
- ORLEÃES, Amélia de (1948) – *Cartas de sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amélia a D. Manuel de Bastos Pina, bispo conde de Coimbra*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- RESISTÊNCIA: órgão do Partido Republicano de Coimbra* (1907). Coimbra: João M. F. Frias.
- SILVA, Armando B. Malheiro da [et al.] (2002) – *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento.